



27(2):59-66
jul./dez. 2002

DEVIR-ANIMAL E EDUCAÇÃO

Paola Basso Menna Barreto Gomes

RESUMO – *Devir-animal e educação.* O devir-animal é, entre todos os devires assinalados por Deleuze e Guattari, aquele que mais se aproxima dos humanos. Este breve ensaio tem a intenção de evocar os animais no currículo e os traços bestiais que irrompem no cotidiano das escolas. O intuito é pensar as implicações políticas de uma educação que tende a organizar o animal, domesticá-lo, amordaçá-lo, confiná-lo ou capturá-lo como objeto de estudo.

Palavras-chave: *devir-animal, homem dos lobos, pedagogia da diferença.*

ABSTRACT – *Becoming-animal and education.* Among all becomings mentioned by Deleuze and Guattari becoming-animal can be considered the one that is closest to humans. In this short essay I try to hint at the animals that “exist” in curriculum and at animal vestiges that at times burst into the everyday life of schools. My objective is to think the political implications of an education that tries to organize everything that is considered to be “animal” organized, that tries to domesticate it, to silence it, to confine it or to capture it as an object of study.

Keywords: *becoming-animal, man-wolves, pedagogy of the difference.*

Os animais só podem entrar dentro das escolas confinados ou mortos: confinados, visitam as salas de aula do Jardim da Infância em caixas e gaiolas e são coadjuvantes do espaço escolar em viveiros ao ar livre; mortos, figuram os laboratórios de Ciências Naturais empalhados e conservados em vidros com formol ou servindo como material para as primeiras experiências de dissecação. No entanto, os animais extrapolam as taxinomias e o espetacularismo dos zoológicos para desdobrarem-se em devires pulsantes, cujas manifestações irrompem no campo educacional tal qual um “estouro de boiada”. Como professora, presenciei várias destas manifestações intempestivas, das quais destaco um inesquecível “canto de cachorros” ocorrido em um ato cívico solene. Foi quando, durante o arreamento da bandeira¹, alunos adolescentes latiram e uivaram durante a execução eletrônica do hino brasileiro. Apesar das caras feias das professoras, aqueles “garotos-cachorros” acompanharam o hino com latidos até quase o final da cerimônia. Trago este fato porque estão em jogo dois pontos fundamentais para se pensar uma “pedagogia da diferença” ou mesmo uma “pedagogia diferente”. O primeiro ponto diz respeito à soberania das representações no sistema educacional, neste caso, aparecendo no louvor aos símbolos patrióticos da bandeira e do hino. O segundo ponto é o devir-animal dos alunos, a performance dos garotos-cachorros, criando notas inusitadas na musicalidade de um dos mais nobres símbolos do que se entende por Brasil.

Embora não tenha a intenção de opor a educação à animalidade, contrapondo o cerimonial nacionalista² promovido pela instituição frente à “barbárie animalesca” dos adolescentes, ou vice-versa, há que se explorar os contrastes entre essas duas coisas: a operação civilizadora do campo educacional e a selvageria que, a todo custo, a educação trabalha para conter. Primeiro, porque o comentário, feito pelas autoridades escolares presentes, era de que aquilo se devia à “falta de educação”. Os garotos-cachorros são tidos como alunos “mal-educados”, que não respeitam a pátria ou não compreendem a importância dos símbolos que marcam o sentimento de amor à própria terra. A crença comum, fortemente pautada pelo pensamento evolucionista/positivista, vê os atos animalescos como uma espécie de “rebaixamento” humano e não como desencadeamento de devires. O mal-educado é burro, porco ou mesmo verme, a escória da humanidade, da qual fazem parte todos aqueles que se aproximam do animal. Bando de criaturas sem educação, as quais, de um modo “heróico”, as professoras têm a tarefa de mostrar que também são “gente”.

A Educação foi constituída para civilizar, fazer do homem um cidadão, diferenciá-lo do bárbaro, selvagem e animal. Ser educado é controlar os instintos, disciplinar as “necessidades básicas” e evitar ao máximo que os furores biológicos, principalmente os de ordem escatológica, se manifestem socialmente. O discurso escolar faz constantes referências à distinção “humano x animal”, enfatizando a importância de certas atitudes: lavar as mãos depois de mexer na terra ou de brincar no pátio, urinar e defecar nos locais apropriados (preferencialmente isolando este tipo de ato dos olhares alheios), escarrar nas pias e vasos

sanitários, limpar restos de comida e manter os espaços livres de todo o tipo de dejetos. Isso sem falar nas contenções de agressividade e outros impulsos físicos que aproximam, de modo nem um pouco civilizado, os corpos que a escola tanto preza em disciplinar. Todas essas normas de “civilidade” desemboçam em fatos bastante concretos pelos quais são tecidas as práticas educacionais mais corriqueiras. Tanto que, no cotidiano de sala de aula, há um certo destaque para enunciados que ensinam aos estudantes a importância de “ser gente”³.

Todavia, ainda aprendemos que, apesar de racionais, somos animais. Mamíferos aparentados aos primatas, bicho aculturado e simbólico que se coloca no topo do que pretensamente chamamos “escala evolutiva”. Mas, não apenas de macacos se faz o bicho-homem, como bem mostram os zodíacos espalhados por toda a volta do globo terrestre. Pouco importa que os que nasçam sob o signo do javali, em outra longitude, sejam escorpiões. A humanidade está cheia de pessoas que se dizem leões, carneiros, peixes, touros, serpentes, tigres, ratos, coelhos, caranguejos e até mesmo lendários dragões. Seja por meio de mitos e horóscopos, seja como lobisomem, homem-elefante ou heróico Homem-Aranha, a “fauna humana permanece sempre presente no pensamento” (Baltrusaitis, 1999, p. 49).

O animal aparece no corpo, na profusão dos pêlos, nos dentes, na pelagem de dadas superfícies, na fome, nos excrementos, na agressividade, no sexo e no cansaço. Há também animais em traços como os “pés de galinha”, “olhos de peixe” ou em sintomas como “tosse de cachorro” ou ainda nas “papagaiadas” e nos “micos” que “pagamos”. Lépidos como uma borboleta, cantando como um passarinho, empacando como burro, comendo como um porco ou brigando tal qual galo de rinha, expressamos humores que são animais e animalizáveis. Há quem tente manter o animal em si em segredo; há quem faça dele sua arte e modo de expressão.

Grande parte das ações cotidianas tem como objetivo apagar os rastros do animal: comer sobre pratos com talheres, lavar a louça, arrumar as camas, escovar os dentes, tomar banho, varrer a casa. O mito da branquidão total (Barthes, 1993) vem extirpar a ameaça microscópica; as manias de limpeza querem exterminar monstrinhos invisíveis, causa de doenças. A ação civilizadora evita o constante despojo dos homens e tenta controlar a produção impessoal de toneladas de lixo que a própria civilização faz multiplicar. A sujeira, o acúmulo de lixo e a bagunça de uma casa ou de um espaço qualquer de convivência, são sinônimos de falta de educação. Educar-se é aprender a apagar os vestígios das secreções, das excreções, dos restos de alimento, das embalagens e da infinidade de produtos descartáveis produzidos pelo homem.

Estas observações escatológicas não têm a intenção de opor a marca civilizadora de ordem e limpeza aos vestígios do animal, mas sim contrastar o devir-máquina do cotidiano-inumano com o devir-animal no humano. O devir-animal faz corpo com a terra e com a crueza dos elementos. Meninos-cachorros

na escola, crianças-lobos retiradas das selvas, corpos que compõem multiplicidades moleculares e movimentos de multidões que expulsam os organismos e suas organizações. É um devir que fervilha e produz corpos sem órgãos formados por partículas caninas. Trata-se de corpos que emitem moléculas de cachorro naquilo que possui a forma molar de uma pessoa.

O devir-animal é real, define-se pela vizinhança do humano com o animal. Pertence a sociedades secretas, de caça, de guerra e de crime (Deleuze e Guattari, 1997, p. 23), aparece em seitas, nas missas negras e nos sabás das bruxas. É um devir que quebra as ações rotineiras e nos coloca no seio de microscópicas confrarias ocultas, de bandos que animam campos de batalhas, de matilhas que correm na escuridão das florestas. Como todos os outros devires, é minoritário e não se parece com a entidade molar. O animal existe em nós, não devido a similaridades morfológicas e sim por causa da emissão corpuscular produzida por seu devir. Não se trata de idolatrar o animal, “bater cabeça” para o bode preto ou hibridizar com animais as deidades antropomórficas. É contagiar-se, tornar-se animal: tecer como aranha, correr como um cavalo, trepar como gato, uivar como lobo, latir como cachorro, brigar como qualquer bicho.

O devir-animal se exprime em corpos que pelejam: homens-ursos, homens-macacos, homens-lobos, homens-guerreiros. Trata-se da belicosidade que devém dos “homens de toda a animalidade” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 24), homens que lutam uns com os outros para conquistar e defender territórios, fêmeas e alimento. Se toda guerra é uma luta pelo domínio de territórios e, se todo animal faz território, guerrear é um modo de fazer subir o animal no homem. O homem luta por espaço, dominar espaço é ter poder. Os homens de guerra são aqueles “tomados por devires animais irresistíveis” (Idem, p. 71). Fazer gritar o animal é a primeira forma de expressar a disputa por um dado território. No entanto, o animal é “mais aquele que foge do que aquele que ataca, mas suas fugas são igualmente conquistas, criações” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 71), tomadas de novos territórios. O animal é aquele que tenta expandir a espécie com o intuito de preservar a assinatura de cada tipo de ser na cadeia da vida. A guerra é uma das criações do homem que exprime, violentamente, a necessidade de se ocupar um espaço. Território que garante melhores condições de vida e mais chances de sobrevivência.

Além de compor bandos e povoar territórios, a lógica da propagação do animal opera por contágio e incorporação. O caçador incorpora a força do animal que abate. Os animais emanam seus cheiros e sinais, afectando, sutil ou agressivamente, uns aos outros. O devir-animal faz proliferar estranhos humores e imperceptíveis secreções que deixam o corpo humano à mercê de acontecimentos moleculares insondáveis. É o que faz com que, mesmo que não se olhe para o céu, fiquemos alterados na lua cheia. Contagiado, o humano não se explica com a mesma facilidade, pois se afectou com a mordida do vampiro, o hálito do monstro ou o vírus que passa a viver dentro do corpo.

Como lobisomem, o homem animal é “dois num só”. Mais do que um gorila mecânico, é humano-máquina e ainda bicho, um bicho-máquina que elimina seus piolhos e o máximo de micróbios, mas que, mesmo mandando tudo embora pelo ralo, ainda caga, mijá, sua, fedecomo animal. É aquele que absorve a produção da Terra para o seu proveito e sustento, o bicho-consumidor. Vírus da Terra, comendo a superfície de seu corpo. Corpo ocupado por este bicho molecular quase imperceptível, por esta invisibilidade pela qual não se consegue ficar indiferente aos movimentos cósmicos. Os habitantes desta superfície, pele do corpo planetário, são suscetíveis aos movimentos dos astros, outros corpos que se compõem em torno da Terra. Estes habitantes são homens e animais que escutam coisas no vento, que lidam com a criação de mundos e fazem da Terra a base para edificar aquilo que inventam. Terra, corpo cósmico que serve de casa ao bicho-homem. Animal a quem, junto a milhões de outros seres, abriga. O animal racional que briga e obriga. O animal é o que briga, o educado é o que se obriga.

Se o educado tem a obrigação de controlar seus instintos e administrar seus dejetos do modo “mais limpo” possível, o animal é aquele que briga por comida. Todo homem-animal é antropófago, vive de devoração. Ao engolir o outro, absorve a força daquele a quem perseguiu e abateu. Predador infinito, o humano come a própria terra da qual é hospedeiro, ou melhor, da qual quase sempre julgou-se proprietário. É um animal coletivo que traz consigo multiplicidades selvagens, as quais, os diagramas da civilização não conseguem abocanhar com facilidade. É o principal agente desterritorializador do planeta.

Demoníaco em multiplicidade, o animal também tem o seu anômalo, o devir minoritário que escapa às expectativas da espécie. Fissura no plano biológico, o anômalo torna-se monstruoso porque destrói com os cânones do animal-molar. Faz-se demoníaco por aberração e pela estranheza que provoca na composição do plano. Sua matéria é a feitura de uma outra coisa, de algo que se altera inesperadamente, dos traçados que a entrada de novas partículas produz. Partículas selvagens que se desprendem do caos. Partículas que engendram mutações. As anomalias se produzem na variação das séries que propagam o animal-molar, padronizado e domesticado. O animal minoritário é aquele que quebra as cadeias de propagação. A anormalidade é um certo tipo de ruptura que altera diagramas, produzindo traços inusitados e novas singularidades.

Tornar-se animal não é deseducar-se, é fazer diferença, tornar-se diferente. Não ser mais homem, mas homem-lobo, homem-cachorro, homem-papagaio. Não se trata de regredir e sim de involuir: “regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob relações assinaláveis” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 19). A involução é a tomada do selvagem, o contágio do elemento estranho que implica em novos arranjos para os traços diagramáticos que constituem a subjetividade. Embora o homem não possa devir do animal, constitui devires animais monstruosos o tempo todo. Trata-se de uma descida diabólica,

que, no entanto, não implica em tornar o homem realmente um animal. O que se experimenta é a “realidade demoníaca do devir animal do homem” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 37).

Os animais são os demônios da escola. Podem ser vistos nas fugas de sala de aula, ouvidos nos “zunzuns” insetívoros que pairam sob as salas de aulas durante as explicações dos professores, nos bandos agitados que se reúnem pelos corredores, nas “tocas” e nos “mocós” onde os estudantes escondem coisas e se escondem para fazer coisas proibidas. Por outro lado, o animal mostra o inferno do mundo escolar na “papagaiada”, nas repetições de *slogans*, verdades, saberes e crenças que se encontram proliferadas por todo sistema educacional.

No entanto, “cacarejar” pedagógico algum exprime a força de certos acontecimentos. O que fazer quando os alunos viram bicho? O que dizer de alunos que latem, a altos brados, durante a execução do Hino Nacional? Rir, apreciar a performance ou reprimir os jovens-cachorros intrépidos? Uma das funções da escola é ensinar o respeito a certos símbolos, louvar aquilo a que atribuímos algum valor, fazer com que se aprenda a valorizar as coisas por meio de abstrações. Para o animal, aquele que não partilha de um sistema de valores, não existem símbolos patrióticos ou qualquer outro tipo de emblemática. Os territórios são concretos, não abstratos. O animal age, se exhibe, imita. Um aluno late e de repente toda a turma está latindo e uivando as notas bem conhecidas do “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas”.

Contudo, não se trata de imitar, de tentar ser, nem mesmo de parecer. O devir constitui-se em blocos de sensações e “a imitação não intervém senão para o ajuste de tal bloco, como numa última preocupação de perfeição, uma piscadela de olho, uma assinatura” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 107). Devir não é ser (Deleuze e Guattari, 1992, p. 87), é tornar-se. Trata-se sempre de uma relação molecular entre partículas não-formadas. São corpúsculos que se desprendem e produzem variações de intensidade, fazendo de uma coisa, outra. “O homem não se torna lobo, nem vampiro, como se mudasse a sua forma molar; mas o vampiro e o lobisomem são devires do homem, isto é, vizinhanças entre moléculas compostas, relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, entre partículas emitidas” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 67).

Por isso, todo devir é intenso, decorre dos afectos, dos encontros e das trocas moleculares entre corpos. O latido “patriótico” dos jovens alunos acolheu a música, desafiou a cara feia das autoridades escolares e despertou simpatias e abominações na audiência, perfilada para a execução de um ritual cívico. Garotos-cachorros rosnando para a banalidade dos pequenos atos obrigatórios. Humanos animalizados. Médio, o devir-animal se aproxima do devir-criança, do devir-mulher e do devir-cadáver. Por outro lado, também se relaciona com o devir-vegetal e outros devires, mais imperceptíveis⁴ e impessoais do que os humanos. E, exatamente por sua proximidade com o humano, talvez seja ele o devir que mais incomoda.

É possível conciliar a intensidade do devir-animal, traço incômodo, com a Educação? Amenizados de sua bestialidade, os bichos quase sempre são acomodados às qualidades e defeitos do humano. Aparecem como ilustrações didáticas, ornam a Educação Infantil e enfeitam livros, polígrafos e cadernos, sempre sob ângulos nem um pouco cloacais. Os animais costumam ser figurados na Educação através das imagens antropomórficas de camundongos, patos e outros personagens criados para serem vendidos ao público infantil. A cultura de massas comumente humaniza os animais, brinca de fazê-los “gente”. São bichos estereotipados que protagonizam mundos, tal qual o mundo concebido pelos homens, figurando a hiper-realidade da ficção produzida por grandes corporações capitalistas. Ícones de consumo⁵, povoam o cabedal imagético da infância e também da vida adulta. São personagens de *cartoons*, desenhos animados e outros meios de disseminação construídos a partir de distorções animais em réplicas humanas estilizadas. Bichos-gente embutidos de comportamentos antropológicos penetram no currículo não-escolar e escolar por meio da indústria do entretenimento.

Por outro lado, o animal entra no currículo como objeto de investigação científica, no estudo de um Reino da Natureza, no qual cada espécie é descrita e classificada segundo várias denominações, principalmente de cunho morfológico. A visão escolar mostra o animal como um elemento importante do ecossistema, um tópic a ser observado na paisagem, produto a ser consumido, item da economia, problema de mercado. A educação não consegue tirar o animal do organismo, toda a animalidade pertence a algum sistema, a alguma estrutura, seja esta civilizada ou selvagem, consciente ou inconsciente.

Organizar o animal é um problema político de primeira grandeza, embora nos deparemos com ele nos níveis microscópicos da maquinaria cultural. O pensamento esquizo afirma que a Educação, tal qual a psicanálise, “carece de uma visão verdadeiramente zoológica”. Ambos são campos que procuram fazer com que o “homem dos lobos” e os garotos-cachorros sejam bem-educados, polidos, resignados. O intuito é anunciar que o louco, o neurótico, o adoecido por intensidades selvagens, volte a ser “honesto e escrupuloso; numa palavra, curado” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 52). A cura do homem-lobo envolve estratégias políticas de explícito controle das populações. Pacífico, o homem “bem-educado”, aquele que “oferece a outra face”, não vai defender seu território, sua vida, liberdade ou mesmo seus sonhos, com unhas e dentes.

Notas

1. Fato acontecido no arreamento da bandeira nacional na Semana da Pátria de 1995, com os alunos da sétima série do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na ocasião, situado no prédio que hoje é ocupado exclusivamente pela Faculdade de Educação da mesma universidade.

2. Dentro de uma perspectiva positivista, o nacionalismo, que embasa tais rituais, é um dos pontos mais altos do ideal de civilidade.
3. Como professora de ensino médio em escolas da rede pública e particular de Porto Alegre, vi este *slogan* aparecer várias vezes, nas mais diversas situações. Entre estas, destaco o tema gerador da 7ª série da escola Santa Rosa de Lima, no ano de 1995: “Ser gente, ser humano”.
4. O piolho, o carrapato e a aranha, autênticos animais deleuzianos, fazem parte do devir-imperceptível, que para a Filosofia da Diferença é o mais importante de todos os segmentos de devires.
5. Desenvolvi este tema no artigo “Mídia, Imaginário de Consumo e Educação” (Gomes, 2001).

Referências Bibliográficas

- BALTRUSAITIS, Jurgis. *Aberrações*: ensaio sobre a lenda das formas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Para uma filosofia no Inferno na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-édipo*: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996a.
- _____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996b.
- _____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, n.º 74, ano XXII, abril, 2001, p. 191-207.
- MICO PRETO. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2002. (Réplica da edição original do baralho de animais lançado em 1940).

Paola Basso Menna Barreto Gomes é artista plástica, licenciada em Educação Artística e aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde também participa do Núcleo de Estudos em Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES).

Endereço para correspondência:

Rua Vicente da Fontoura, 2860/403
90460-002 – Porto Alegre – RS
E-mail: pag@iname.com